

XVI Congresso Brasileiro de Sociologia  
10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA)

Grupo de Trabalho:

GT37 - Raça e Etnicidade: Persistência e Transformação

**Memória do trabalho, cultura e território quilombola.**

Autores: Letícia de Faria Ferreira (UFFS), Patricia Marasca Fucks (UFFS)

## **Resumo**

O presente artigo trata da pesquisa realizada com a Comunidade Quilombola situada no Distrito de São Paulo das Tunas, município de Giruá/RS. Conhecida como “casas dos Morenos”, e reconhecida como Comunidade Quilombola Corrêa desde junho de 2010, quando foi registrada e certificada como tal pela Fundação Cultural Palmares. A geração atual reside no Quilombo e tem como meio de subsistência os produtos provenientes da propriedade rural e fundamentalmente a aposentadoria. O Quilombo Corrêa é uma comunidade rural e está situada na região onde predominam moradores descendentes dos imigrantes de origem alemã e polonesa, a proposta é compreender seus processos históricos de formação e a constituição de estilos particulares de vida nesse contexto, assim como, costumes e identidades culturais são interseccionados com a sociedade envolvente. Interessa, portanto, tratar como os quilombolas, sujeitos etnicamente diferenciados nessa contextura, constroem sua identidade e seu cotidiano no local observando suas estratégias de sobrevivência cultural. Assim, a pesquisa procurou descrever os ritmos e afazeres do cotidiano da família Corrêa, procurando recriar pela escrita as tramas narradas pela memória do grupo.

**Palavras chave:** quilombo, memória e identidade étnica.

Há tempos a comunidade rural quilombola Corrêa é conhecida nas cercanias como “*casas dos Morenos*”, mas apenas recentemente e, de modo tímido, vem construindo sua identidade étnica a partir do seu reconhecimento como Comunidade *Quilombola Corrêa*, desde junho de 2010, quando foi registrada e certificada pela Fundação Cultural Palmares.

Situado no Distrito de São Paulo das Tunas, distante cerca de 20 quilômetros da sede do município de Giruá, no Noroeste do Rio Grande do Sul, o Quilombo Corrêa é habitado, em sua maioria, pelos descendentes diretos de Alzimiro Batista Corrêa o qual adquiriu essa pequena área de terra (em torno de 5ha) onde eles, ainda hoje, permanecem compartilhando o convívio e suas atividades.

A aquisição da propriedade teve sua origem nos rendimentos obtidos com o trabalho do patriarca como peão e agregado de uma fazenda vizinha. Segundo contam dois dos seus filhos mais velhos, José e Dorvalina, seus antepassados teriam vindo para a região a fim de trabalhar no conserto dos batentes da estrada de ferro, possivelmente sendo descendentes de escravos oriundos das fazendas da região de Cruz Alta/RS.

O fato do patriarca dos *Corrêa*<sup>1</sup> ter adquirido a terra com recursos próprios suscita algumas considerações mais demoradas sobre as concepções de quilombo e quilombolas usadas correntemente na literatura sobre o tema. É menos recorrente em estudos sobre quilombos situações onde a propriedade da terra não é um bem em disputa e não necessita do parecer legal instituído por meio de processos jurídicos e de laudos étnico-territoriais, problema este reentrante nas pesquisas. Particularmente, a Comunidade Quilombola Corrêa tem como meio de subsistência os produtos provenientes da propriedade rural e, fundamentalmente, a aposentadoria e convive num sistema em que há o compartilhamento do quinhão de terras que foi adquirido por sua família e que, ainda hoje, não foi objeto de partilha entre seus membros, não tendo sido realizado o inventário da propriedade.

---

<sup>1</sup> O termo os *Corrêa* é como também são chamados os membros da família Corrêa, adotamos aqui por ser o modo usual de se referir aos grupo.

Nesse contexto, considera-se relevante o seu modo de existência, sobretudo pelos arranjos sociais e culturais da Comunidade, o que permite realizar os deslocamentos necessários no conceito sobre quilombo. É nesse sentido que se procurou repensar a ideia *dos Corrêa* serem denominados como “*remanescente de escravos*”. (MELLO, 2012; ARRUTI, 2006). A sua vinculação com o passado é aproximada pelos vínculos familiares e marcada pelo modo de vida (cotidiano) e de produção tradicional do trabalho no campo.

Suas formas de relação com o passado, tramado em práticas múltiplas de resistência e de manutenção no território, ao longo do tempo, precisam ser observadas atualmente na esteira da nova situação que o universo legal (fundamentalmente o artigo 68) colocou para a família: a categoria de comunidade quilombola.

Nascidos e criados em meio a uma sociedade envolvente branca, de descendência europeia (alemã e polonesa, em sua maioria), que sempre vislumbrou a família Corrêa, de certo modo, como “*exceção*” no interior do contexto rural que sempre habitaram. Atentando-se às narrativas dos familiares e observando-se a sua interação com a sociedade envolvente, pode-se perceber que sempre ocorreu uma clara distinção étnica a qual pode ter sido, entre outros, um elemento crucial para a família Corrêa se “autodefinir” como quilombola, assumindo essa condição e construindo a sua identidade étnica. Todavia, essa (auto) definição ou (auto) atribuição não deixou de conter, especialmente para os mais velhos, o sentido de certa surpresa, diante daquilo que soa como novidade. Antes de mais nada, isso leva a crer que é fundamental observar-se a multiplicidade de definições possíveis, uma vez que, no interior da própria Comunidade Corrêa, encontram-se variadas percepções sobre a categoria remanescentes de quilombos.

Sobretudo, é nesse sentido das relações de vizinhança e trabalho - que se estabeleceram com os agricultores de origem europeia - é que são pertinentes as observações de Fredrik Barth (2000) sobre a etnicidade, auxiliando a compreensão dessa temática. Melhor explicando, na constituição das fronteiras étnicas e suas interações interculturais, as escolhas de identidades são constitutivas das experiências que estão ao alcance e as quais

permitem que se observe, como no caso dos Corrêa, a ocorrência das escolhas identitárias por proximidade e por distanciamento, em diferentes circunstâncias dos sistemas culturais dos grupos camponeses alemães e poloneses. Nessa contextura, cabe dizer que, em determinados aspectos, ainda que os membros da família Corrêa apresentem-se como sujeitos etnicamente diferenciados eles identificam-se como uma família rural de pequenos proprietários, com hábitos e costumes comuns aos demais vizinhos. Uma constatação desse fato é que os quilombolas chegam não apenas a nominar ferramentas e maneiras de conduzir o trabalho empregando vocábulos da língua alemã, mas também se percebe que em muitas das suas piadas, sugestivamente, utilizam-se de expressões nesse idioma. Todavia, isso em nenhum momento significa esquecer o pertencimento a um grupo étnico muito singular naquele contexto, posto que, da parte *dos Corrêa*, parece sentirem-se de algum modo integrados à sociedade circundante que não os deixa esquecer que são negros. Isso pôde ser observado em ocasiões de festividades oferecidas *pelos Corrêa* em seu próprio território, as quais denotam que não apenas na gastronomia (apreciação da carne suína, algo que é típico da culinária alemã), mas também na sonoridade (trova e música gaúcha) se fazem presentes hábitos cultivados igualmente pelos grupos culturais entre os quais se inserem.

Os reconhecimentos em favor dos remanescentes de quilombo foram realizados, especialmente a partir dos anos 90, pela Fundação Palmares e, já contabilizam, em estimativas extraoficiais, mais de quatro mil comunidades, sendo-lhes assegurados direitos pela Constituição Federal de 1988, no Artigo 215 e no Ato 68, das Disposições Constitucionais Transitórias (ANJOS, 2004). Nessa conjunção de políticas públicas de Estado, visando à identificação de agrupamentos quilombolas e, por mérito da ação conduzida por alguns poucos agentes da Prefeitura Municipal de Giruá/ RS, é que se iniciaram os processos de reconhecimento da Comunidade Corrêa.

Internamente, porém, alguns dos familiares mais jovens comentaram “sentir que eram quilombola”, no entanto, não sabiam como se procedia para ser, jamais tinham ouvido falar de Fundação Palmares ou outro órgão de Estado encarregado de políticas públicas ligadas às questões étnicas. ~~Vai ser~~

O encaminhamento desse processo surgiu em meio a conversas com o então Secretário Municipal de Agricultura da época, da gestão 2008-2012, Volmir Amaral, o qual se propôs a fazer a mediação e o contato com a Fundação Palmares. Assim, foi a partir dessa relação com o 'exterior', no contato com agentes de fora, que se constituíram para os *Corrêa* determinadas fronteiras étnicas e culturais e, ainda, o alicerce para certos critérios de pertencimento e exclusão. (MELLO, 2012).

Dentro do contexto brevemente exposto acima, o caminho que se propõe transcorrer aqui é menos voltado para as formas de resistência histórica dos moradores da Comunidade Quilombola *Corrêa* do que para uma descrição do modo contemporâneo de recriação e tradução da resistência. (ARRUTI, 2001).

A história da comunidade e da família *Corrêa* depende inteiramente da memória oral de seus integrantes. Nesse sentido, a pesquisa intenta percorrer esse caminho da memória, levando em conta seus desvios e labirintos onde os modos e usos da vida, no presente, se imiscuem com o passado. Observa-se que as relações de parentesco são vividas intensamente na comunidade, podendo ser consideradas como uma espécie de fio condutor que liga essas diferentes temporalidades, articulando o seu modo de vida e as formas tradicionais de trabalho praticadas, em consonância com os ciclos da natureza.

No quilombo, as suas casas são construídas muito próximas, identificando-se na paisagem rural, de relevo bastante acidentado e pedregoso, como modestas moradias em madeira, de muitas frestas, que dispõem de energia elétrica e água encanada, mas ainda têm bastante restrito o seu acesso, sobretudo em dias chuvosos, pelas más condições das estradas de terra do interior. Apesar disso, a poética da casinha do campo mantém-se nas moradias seja, por conta de uma janela, singelamente adornada com uma cortina, ou de uma chaminé a cuspir fumaça do fogão à lenha, antecipando o que está a caminho: o preparo do mate ou das refeições. Especialmente entre os *Correa* que não constituíram família, é frequente que as refeições sejam compartilhadas na casa da irmã mais velha que, também, está com sua condição de saúde mais frágil.

A situação modifica-se um pouco especialmente quando recebem algum visitante para prostrar, enquanto se toma o chimarrão em meio à roda de conversas, com tímida participação das mulheres que, inclusive, sentam-se particularmente separadas dos homens, como é de costume. Mas também o visitante pode ser aguardado para o almoço, que é previamente agendado mediante um contato via telefone celular, marcado por poucas palavras pronunciadas em diálogo quase monossilábico. O convite ao paladar é para saborear os produtos típicos do lugar – um rincão do interior do noroeste gaúcho - que inclui como prato principal o carreteiro ou a galinhada com acompanhamento de salada de repolho, tomate e cenoura, além de mandioca, milho e moranga.

A recepção ao visitante foi uma atividade que surgiu após a comunidade ter despertado o interesse das pessoas pelo fato de ser reconhecida oficialmente como remanescente quilombola, muito embora nunca tenha deixado de existir como grupo etnicamente diferenciado naquele contexto, nas cercanias onde vive, e de cultivar com autenticidade seu estilo particular de viver no meio rural gaúcho. De fato, esse é um evento que ainda é percebido com certa surpresa pelos *Corrêa*, pois o lugar torna-se a cada dia uma espécie de ponto turístico da região, para o qual nem sempre o visitante tem o seu olhar e a sua percepção preparados de modo que possa fazer uma leitura adequada daquela realidade particularmente constituída.

Na atualidade, não é de se estranhar que, por ora, apareça algum visitante ‘desavisado’, que imagine encontrar nessa comunidade algo tipicamente africano, estereotipado e desvinculado desse contexto, como o acarajé, a dança de capoeira ou a demonstração de algum ritual religioso de origem africana, esquecendo que essa Comunidade está, antes de tudo, inserida na cultura regional. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a visita ao quilombo pode constituir-se como um objeto de estudo que, ainda hoje, gera um duplo estranhamento: tanto de parte da comunidade quanto do visitante.

Trata-se de fato de observações que revelam as especificidades culturais que vem constituindo o Quilombo Corrêa de uma forma híbrida – as influências e alianças matrimoniais interétnicas e o convívio vicinal com outras

culturas e, inclusive, com a dos visitantes. Outro ponto que aparece nas descrições dessa pesquisa, sobre o modo de vida da família Corrêa, está intrinsecamente alicerçada pela memória do trabalho familiar, seja ele agrícola ou de outra natureza, mormente desenvolvido no meio rural. Dentre as inúmeras atividades que são rememoradas pelos Corrêa em suas estratégias de sobrevivência na produção agrícola de uma pequena área de terras (ainda mais reduzida pela desconformidade do terreno que tem inúmeras partes tomadas de pedras e fortes declives), o fabrico artesanal de erva mate de carijó é um elemento peculiar que logo adiante será explicado.

## **A FAMÍLIA CORRÊA**

Todos os moradores da Comunidade Quilombola Corrêa são descendentes do mesmo tronco familiar, ou seja, são filhos de Alzimiro Batista Corrêa, nascido em 1918 e falecido em 1987, o qual era casado com Eloína Luiz Corrêa, nascida em 1927 e falecida em 1964. Ambos eram filhos de agricultores que residiam nas proximidades do atual território do quilombo e moravam em diferentes condições, como meeiros, empregados e agregados nas fazendas do entorno. Os filhos do casal foram onze, sendo que estão vivos oito que, em sua maioria ficaram morando nas proximidades. São eles por ordem de nascimento: Eva (falecida), José e Noé (gêmeos, o último é falecido), Armando, Doralina, Dorvalina, João, Maria, Tereza (falecida), Maria Olinda e Cleuza Maria.

A vida na zona rural, em São Paulo das Tunas, nunca foi fácil para a família, conforme conta dona Dorvalina, uma das interlocutoras que hoje reside na casa que era dos seus pais, acompanhada da sua irmã, também solteira, Maria Olinda. Atualmente, residem na propriedade rural José, conhecido como Tigre, Armando, Dorvalina, João, Maria, Maria Olinda e, também, Cleuza a mais jovem entre eles. Cleuza, agora, apenas eventualmente está no quilombo, pois nos últimos meses mudou-se para Argentina, vindo a cada três meses renovar o visto e passar umas semanas com a família no quilombo.



A antiga casa de Cleuza foi adquirida pelo José, que assume os cuidados de todos como se fosse o patriarca da família, para constituir-se na nova morada de Marilene. Ela atualmente possui em torno de 30 anos, sendo sobrinha, filha da irmã mais velha Eva que teria falecido logo após o parto de Marilene que, então, passou a ser criada pelos tios na condição de órfã, ainda nenê, fato esse que explica o apelido que lhe foi dado. Marilene nunca saiu do Quilombo e, gradativamente, vem assumido a função que Cleuza ocupava no quilombo, em relação ao preparo do almoço e à recepção aos visitantes naquela que, agora, é a sua casa.

A propriedade rural da família jamais foi inventariada e permanece no nome do pai Alzimiro, sendo, desde o seu falecimento, usada de modo coletivo pelos filhos que residem no local. Ao descer pela estrada vicinal que dá acesso ao quilombo encontra-se um portal, ali existente desde o ano de reconhecimento do grupo, o qual contém uma ampla placa colocada pela Fundação Palmares anunciando: “Comunidade Quilombola Corrêa”. Após a placa continua-se por uma ramificação dessa estrada, uma espécie de corredor onde se observa lavouras de ambos os lados e logo se chega ao terreno de pouco de mais de 5ha onde estão espalhadas as moradias. Na primeira casa, à direita, reside seu Armando com a esposa Maria. O casal conta agora com a companhia de um de seus três filhos em casa, o qual já frequentava regularmente a Comunidade e retornou, recentemente, para morar com seus pais. Seu Armando é um dos poucos entre eles que é casado, além dele apenas Cleuza e Maria também tem cônjuges, os demais permanecem solteiros<sup>2</sup>. A casa seguinte, à esquerda, no primeiro plano atualmente é de Marlene, tendo sido ocupada por Cleuza até o momento em que ela se mudou para Oberá, na Argentina, acompanhando o marido Volmir, conhecido por Juca, com quem é casada. Adiante, descendo um pouco mais, percorrendo um caminho de terra estreito e bastante irregular, situa-se a moradia de Dorvalina e de Maria Olinda. À esquerda desta, seguindo na direção do caminho que leva

---

<sup>2</sup> A questão dos “não casamentos” no interior da Comunidade Corrêa chama atenção, especialmente pelo fato de que a população do entorno é, em sua maioria, alemã. Esse é um tema que se pretende tratar em outro artigo, mas de antemão pode-se dizer que foi observado, por diversas vezes, que para ambas as partes – alemães e negros – as relações seriam inviáveis, para os primeiros por relações de preconceito étnico-racial, para os segundos a percepção desse preconceito sempre os manteve afastados, inclusive sem poderem frequentar, durante longos anos, as festividades comunitárias.

ao riacho, fica a casa onde moram João e José (Tigre). Logo ao lado dessa casa, fica uma espécie de rancho, muito rústico, com piso de terra, por vezes enevoado pela fumaça do fogo de chão, que o Tigre chama “minhas peças”.

Quase todas as casas na comunidade têm um pouco de semelhança entre si: dispõem de uma varanda na parte da frente, possuem a cobertura com de telhas de barro, a estrutura e as esquadrias em madeira, sendo construídas com sua base um tanto acima do chão, ficando um desvão abaixo do assoalho, deixando-o afastado da umidade do solo. As casas foram construídas ali mesmo e, em algumas, foram acrescentadas ao longo do tempo um sanitário construído em alvenaria de tijolos, com revestimento cerâmico apenas no piso, como é o caso da moradia de Cleuza.

Em razão de diversos desentendimentos havidos entre Juca e a família da cunhada Maria, que reside na única casa de alvenaria situada relativamente atrás da de Cleuza, eles resolveram partir para Argentina, onde residem alguns parentes de Juca. Segundo relatos dos familiares de Cleuza, a família de Juca, de origem alemã e polonesa, não tem boas relações com os *Corrêa* e desaprovaram, desde o início, o casamento do filho com uma mulher negra. Por sua vez, os filhos de Maria, sobrinhos de Cleuza tem uma relação muito tumultuada com Juca que ensejou, inclusive, situações de violência que precisaram da intervenção de outras pessoas da comunidade, chegando a tornar-se caso de polícia e conter recíprocas ameaças de morte.

Pôde-se observar que esse contexto gerou uma espécie de desarmonia, tendo como pivô a presença de Juca no seio da família *Corrêa*. Constatou-se que essa desarmonia não ocorre, necessariamente, em função de outro pertencimento étnico de Juca, mas segundo os relatos deve-se ao fato de sua personalidade ser considerada violenta e incosequente, o que teria sido revelado em outras situações ocorridas mesmo antes daquelas vivenciadas no quilombo, sendo, no entanto, preterido por outras famílias da localidade. A relação de Cleuza com Juca é uma constante preocupação para os seus irmãos, que relataram já ter havido ocorrência de violência doméstica praticada por Juca contra sua mulher. A partida do casal para a distante cidade de Oberá, na Argentina, foi motivo de muito sofrimento e angústia para os irmãos

mais velhos, especialmente por terem ficado no início, por longo tempo, sem quaisquer notícias de Cleuza ou possibilidades de contatá-la.

O trabalho dos quilombolas em outras propriedades circunvizinhas foi o que permitiu a permanência da família na pequena propriedade, lugar este que manteve boa parte da família próxima e com uma relação de convívio cotidiano. As estratégias de manutenção econômica e social da família sempre foram compartilhadas entre seus membros, seja no trabalho como diaristas, assalariados ou na produção agrícola da própria terra.

Os resultados dessas diferentes formas de trabalho – no caso dos homens, os mais recorrentes foram em lavouras vizinhas, em uma pedreira, em ofício de caseiro, de diarista ou serviços gerais; no caso das mulheres, os trabalhos frequentemente praticados foram como lavadeira, doméstica, babá de crianças e, também, nas lavouras – todos eles se constituem como uma espécie de experiência ou ‘herança’ comum que foi compartilhada entre os familiares.

O cuidado intrafamiliar é algo que chama atenção quando se convive com os *Corrêa*, seus laços de proximidade são intensos e, hoje, na situação em que alguns estão aposentados – como é o caso de Dorvalina, Armando e Tigre – suas aposentadorias são também parte da renda que passa a ser partilhada com alguns dos irmãos que ainda não obtiveram o benefício e/ou não tem outra fonte de renda, como ocorre com Cleuza, Maria Olinda, Marilene e João. Desse modo, não apenas a terra é compartilhada integralmente, tendo sido uma escolha familiar não fragmentar a propriedade, mas também os rendimentos obtidos de fontes variadas – seja na lavoura ou com o trabalho fora e, atualmente, com as aposentadorias – que permitem a sobrevivência de todos, inclusive aqueles que não tem renda própria atribuída.

A partir do reconhecimento da Comunidade *Corrêa* pela Fundação Palmares algumas novidades começaram a surgir e, de certo modo, alterar o ritmo até então vivido na localidade. Exemplo disso são os preparativos que a família precisa fazer para receber visitas, no geral promovidas pelas prefeituras de municípios vizinhos ou de Giruá.

Como a estrutura das pequenas casas não comporta receber grupos de visitantes com um número muito grande de pessoas, atualmente o desejo da Comunidade é que a Prefeitura os auxilie na construção de um quiosque, de formato hexagonal, com cobertura de telhas, que contivesse espaços adequados para cozinha, sanitário e local abrigado das intempéries a fim de ofertar o almoço aos visitantes, com a possibilidade ainda de comercializar diretamente os produtos ali cultivados como a erva-mate, o melado, o açúcar mascavo, a garapa e, assim, auferir maior renda. Isso poderia estimular a revitalização da produção artesanal de erva-mate, conhecida como erva-mate de carijo, despertando a curiosidade pela forma artesanal e todas as etapas do processo como é produzida.

Acredita-se que, dessa forma, poder-se-ia agregar valor aos seus produtos, sendo esta uma alternativa de renda concreta, especialmente reivindicada pelas mulheres mais jovens, como a Cleuza e a Marilene que, assim, teriam outras perspectivas de trabalho, no próprio lugar onde vivem.

Contudo, já se passaram mais de quatro anos que a administração pública municipal comprometeu-se em viabilizar a execução do projeto do quiosque, mas tem alegado falta de verbas para sua construção. O projeto, seguindo padrões convencionais, comumente definidos para esse tipo e construção, já foi apresentado (diga-se de passagem, em vésperas de duas eleições municipais) e resume-se a uma planta um tanto desconforme com as expectativas locais.

## **Trabalho e Memória**

A produção de erva-mate de carijo envolve uma atividade que a cada dia aproxima-se das margens do desaparecimento, seja em suas práticas totalmente artesanais, seja nas relações de produção e comercialização. Considerado atualmente no mercado produtivo como um sistema ultrapassado, a elaboração da erva-mate a partir do sistema de carijo é uma prática ainda utilizada em algumas regiões do Rio Grande do Sul, como no caso de Giruá.

Cabe destacar o modo tradicional como todo o processo é conduzido no quilombo Corrêa, empregando saberes-fazeres tal como foram aprendidos com os seus antepassados; preservando-se o papel dos familiares no feitio da erva-mate, com funções distintas realizadas por homens e mulheres; mantendo-se o hábito da coleta em ervais nativos, respeitando-se o ciclo vital das plantas na natureza; realizando o transporte do produto com a carroça, puxada por uma junta de bois.

Esse método de fabricação da erva-mate exige um roteiro de laborações na forma como a erva é produzida, em cada uma das suas etapas. Inicialmente, a folha da erva mate é coletada nas matas nativas circunvizinhas à propriedade; depois de cortados, os galhos são preparados para a “sapeco” seguindo-se com o cancheio, com a arrumação dos ramos no “macaco de dois paus”, de modo a formar feixes que são amarrados e transportados com o carro de bois até o local do carijo, estrutura disposta à beira de um riacho onde será feita a secagem por meio do calor do fogo.

O carijo consiste de um conjunto de varas de madeira do mato, sobrepostas na horizontal, a um metro e meio ou pouco mais do solo, onde se colocam os feixes de erva-mate, já sapecados, com as folhas dos ramos todas voltadas para baixo, para a secagem ao calor direto do braseiro que arde embaixo de toda extensão coberta. Essa caloriza obriga a um cuidado constante do carijo, trabalho que deve ser realizado preferencialmente à noite, pois “no escuro se enxerga qualquer pequena faísca”, explica Tigre, apelido de José Corrêa, o principal responsável no quilombo pela produção da erva-mate. Tigre conta que é comum passar uma parte da noite em vigilância para reavivar as brasas, emparelhar o braseiro do carijo, este estrategicamente situado às margens de um pequeno riacho que atravessa o terreno.

Assim, pode-se definir brevemente o processo de beneficiamento da erva-mate a partir da sequência de etapas que incluem: o corte no erval, o sapeco dos galhos, a desrama dos galhos, o enfardamento das ramas formando feixes, o transporte dos feixes, a secagem no carijo, o cancheio com o facão, o soque com o pilão e o acondicionamento.

Cada um desses procedimentos envolve determinados membros da família Corrêa e pressupõe saberes específicos, sendo os afazeres divididos principalmente por uma questão de gênero. Essa herança de saberes que advém do pai *dos Correia*, que provavelmente aprendeu com seus antepassados é, atualmente, uma tênue relação com o passado, uma das brechas por onde se adentrou na pesquisa para pensar e descrever as formas de constituição da Comunidade e de sua memória.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ANJOS, José Carlos dos; SILVA, Sergio B; JÚNIOR, Iosvaldyr Carvalho. (orgs.). (2004) **São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS
- ARRUTI, José Maurício Andion. (2001) *Agenciamentos Políticos da "Mistura": Identificação Étnica e Segmentação Negro-Indígena entre os Pankararú e os Xocó*. **Estudos afro-asiáticos**, vol.23, no.2.
- ARRUTI, José Maurício. (2006). **Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola**. Bauru: Edusc.
- BARCELOS, Silvânio Paulo de. (2010) *Mata Cavalos: o negro e a identidade quilombola no mundo globalizado*. **Revista Espaço Acadêmico**, nº110.
- BARTH, Fredrik (2000) *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In. LASK, Tomke (org.) **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa.
- CONTINI, Adriana Zanirato; CASTILHO, Maria Augusta de; COSTA, Reginaldo Brito da; (2012) *A erva-mate e os Kaiowá e Guarani: da abordagem etnobotânica à promoção do desenvolvimento local*. Campo Grande: **INTERAÇÕES**, v. 13, n. 2, p. 161-168, jul./dez.
- LEITE, Ilka Boaventura. (2008) *O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais*. **Revista Estudos Feministas**, Dez, vol.16, no.3,
- LEITE, Ilka Boaventura. (2000) *“Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas”*. **Etnográfica**, Lisboa, v. IV, n. 2.
- MELLO, Marcelo Moura. (2012) **Reminiscências dos quilombos: territórios da memória em uma comunidade negra rural**. São Paulo: Editoria Terceiro Nome.